

# Jôgo Perigoso

20. II. 53

O discurso há dias pronunciado na Rádio Tupi pelo ministro Negrão de Lima comportaria uma interpretação otimista. Seria mais um esforço — um derradeiro e hérculeo esforço para salvar o “Ministério de Experiência”, de que é MAGNA PARS o orador. O govêrno, sob a esclarecida e patriótica direção do sr. Getúlio Vargas, é capaz: fora dêle se encontram as causas da falência, que já ninguém esconde e até se chega a confessar abertamente.

Infelizmente, porém, é inteiramente falsa esta interpretação otimista. Não se procura, apenas, na fala ministerial, justificar o govêrno. Vai-se muito mais longe. Traça-se uma política, que se quer seja aceita por todos sem titubeação, sob pena de mal dissimuladas represálias, isto no momento mesmo em que se anuncia a reconciliação do sr. Getúlio Vargas com o general Estillac Leal. Como se vê, é muito amplo e muito grave o discurso do sr. Negrão de Lima, para que se possa considerar obra pessoal dêle. Ele reflete, evidentemente, o pensamento do Presidente da República e com êste deve ter sido cuidadosamente combinado. O que nele se contém é um ULTIMATUM: ou as ÉLITES, isto é, os políticos com responsabilidade no regime, se submetem sem a menor resistência, ou o próprio govêrno desencanteará a revolução, que os tragará. Submeter-se, ou perecer, é o dilema.

Ora, ninguém é menos inculpável da falência do Govêrno, que as ÉLITES. Em primeiro lugar, e esta razão dispensaria às demais, porque não há ELITES. Já as tivemos no Império, e tais que honrariam qualquer país: à testa dos negócios públicos tivemos homens notáveis pelo talento, pela cultura e pelo caráter. Decairam elas grandemente com a República, mas, ainda assim, pudemos preservar um reduzido escol de homens públicos. Quem, porém, literalmente aniquilou a ÉLITE dirigente foi o sr. Getúlio Vargas em 1930. Desde então não houve outro processo de seleção, senão o da submissão e o da subserviência.

Não há, portanto, uma ELITE dirigente no País. E, não a havendo, não pode ela ser responsabilizada pelo, mais que confessado, solenemente proclamado malôgro do govêrno do sr. Getúlio Vargas.

Temos, entretanto, um mundo político (mesquinho mundo, é verdade) e, neste mundo, cargos, postos, funções eminentes. Temos o que não sendo rigorosamente um escol corresponde formalmente a um escol. Terá êle desamparado o Govêrno? Ter-lhe-á êle criado dificuldades? Ter-se-á êle oposto às providências sugeridas pela sabedoria do sr. Getúlio Vargas? Não, nunca, jamais. Se alguma censura se pode fazer aos nossos políticos, é justamente a de terem sido demasiado condescendentes com a vontade, os caprichos, as aberrações do Presidente da República. Nos dois anos já decorridos de govêrno constitucional, o sr. Ce-

túlio Vargas impôs ao País a política que bem entendeu. Não temos verdadeiras ÉLITES, falharam as ÉLITES? E' bem possível. Mas não foi sua falência o que perturbou o govêrno do sr. Getúlio Vargas e o impediu de fazer o que deveria ter feito. Teve a seu dispor todos os meios de ação e diante dêle não encontrou a menor resistência. Se o govêrno falhou, como já confessa, às suas próprias falhas o deve. As ÉLITES, qualquer que seja o conceito em que se devam ter, é que não têm nada com a questão.

Precisa, porém, o govêrno de um bode expiatório. E precisa, sobretudo, dada a sua falência, de um sepulcral ambiente de conformidade. Daí os insistentes convites à colaboração. Daí a passagem às ameaças pouco veladas. As ÉLITES não cooperam não colaboram, não se rendem? Pois atentem no que lhes poderá suceder: serão destruídas pela revolta popular, serão castigadas por haverem abandonado a Getúlio Vargas.

Tal é o inequívoco sentido das palavras do ministro Negrão de Lima, o mesmo personagem que foi articular os governadores do Norte para o golpe de 1937. Pouco importa que, ante a impressão causada no País, êle tenha procurado atenuar-lhes a significação. O govêrno reconhece a sua falência e, por isto mesmo, exige a universal submissão.

Felizmente, porém, diferentes são agora as condições, das daquele ano fatídico. Em 1937, enganou-se com o sr. Getúlio Vargas quem quis. Mas êle ainda não estava gasto e poderia justificar uma aventura. Agora, não. Está gasto irremediavelmente gasto. Não ha arrebiques capazes de dar-lhe aparências de vigor.

Demais, e isto importa mais que tudo, as Classes Armadas não mais estão dispostas a fazer-lhe o jôgo. Pode o sr. Getúlio Vargas reconciliar-se, como se diz que já o fez, com o general Estillac Leal; pode ainda reunir em torno de si alguns generais suficientemente insensatos ou ambiciosos. O mais que elas lhe podem dar e estão dispostas a dar-lhe é o exercício rigorosamente constitucional do govêrno. Extremamente perigoso se faz, pois, o jôgo iniciado pelo ministro Negrão de Lima.